

## Sentenças hipotáticas adverbiais [para + vinf]: limites entre finalidade e causa

### RESUMO

**Vanessa Leme Fadel Steinhauser**  
[vanessalemefs@hotmail.com](mailto:vanessalemefs@hotmail.com)  
Universidade Estadual do Paraná,  
Paranavaí, Paraná, Brasil.

**Juliana Carla Barbieri Steffler**  
[profjulianacb@hotmail.com](mailto:profjulianacb@hotmail.com)  
Universidade Estadual do Paraná,  
Paranavaí, Paraná, Brasil.

Este artigo descreve os padrões de codificação de construções adverbiais reduzidas de infinitivo e introduzidas pela preposição para [PARA + VINF]. Para tanto, utiliza-se os dados dos trabalhos de Steinhauser e Steffler (2017; 2018), nos quais identificaram-se, em um conjunto de 52 textos jornalísticos, 80 construções de sentenças finais e 246 construções de sentenças sobrepostas, id est, com sobreposição de traços de finalidade e de causa. Indo de encontro à visão da gramática tradicional, que assume que as construções [PARA + VINF] são prototípicas apenas de finalidade, observou-se uma estreita relação entre a finalidade e a causa. Relação essa que deriva de seus próprios aspectos semânticos incrustados: motivo, razão, porquê, propósito ou intenção para o que foi expresso na oração principal. Em consonância com os pressupostos de Bakhtin (1992; 1997), Castilho (2016), Dias (2001), Rodríguez (1999), Perini (2010), entre outros, almeja-se refletir acerca do uso dessas ocorrências e de seus propósitos comunicativos. Por fim, a partir dos dados levantados e considerando que a língua é um sistema complexo, corrente, em ininterrupta volubilidade, considera-se uma possível recategorização semântica das construções de sentenças finais, em termos de subcategorias, sob à ótica do processo de gradação ou encadeamento semântico (cf. Steinhauser e Steffler, 2018).

**PALAVRAS-CHAVE:** Hipotaxe. Sobreposição semântica. PARA + VINF. Finalidade e Causalidade.

## INTRODUÇÃO

Construções formadas pela preposição para, seguida de verbo no infinitivo, geralmente, passam despercebidas durante a verificação linguística, uma vez que há certa convenção que associa essa estrutura ao aspecto sintático de subordinação e à noção semântica de finalidade. Por essa razão, diversos teóricos conceituam as adverbiais finais como aquelas iniciadas por para, para que ou a fim de que. Com isso, vê-se que a gramática tradicional classifica de maneira meramente sintática e estrutural tais orações, sem haver reflexão de seus reais aspectos semânticos.

Para Paschoalin e Spadoto (2008), as orações adverbiais finais são aquelas que exprimem a ideia de finalidade, i.e., a oração subordinada indica a motivação para a ocorrência do fato descrito pela oração principal. Por seu turno, as adverbiais causais exprimem o fato que provocou o evento expresso na oração principal. Há um problema de definição: ambos conceitos, isolados e sem exemplos ou enumeração das conjunções/preposições que as introduzem, são muito semelhantes semanticamente: motivação ou provocação do ato descrito pela oração matriz.

Essa aproximação entre os sentidos de causa e de finalidade motivou a execução deste trabalho, uma vez que parece ser recorrente que sentenças finais congreguem em si noções de causa. A vinculação teórica ao funcionalismo, justifica-se pelo fato de utilizarmos contextos reais de uso da língua, a fim de chegar a uma gramática de usos. Assumimos que o falante, portanto, em situações efetivas, seleciona entre o variado leque de opções linguísticas a seu serviço qual a melhor construção para sua intenção comunicativa. Nesse sentido, “[...] descobrir que fatores influenciam as opções que se tornam padrões de uso é, assim, tarefa do funcionalismo [...]” (ANTONIO, 2004, p.25).

Para procedermos ao desenvolvimento deste artigo, uma vez adotadas as premissas teóricas funcionalistas, vamos ao encontro de uma vinculação da sintaxe com os componentes semântico, pragmático e discursivo, além de considerarmos os aspectos intra e extralinguísticos. Isso se dá para que possamos examinar a percepção real da estrutura maleável e não rígida (GIVÓN, 1995), do sentido contextualmente dependente, das regras e/ou convenções da gramática que permitem exceções pelo uso motivado da língua.

Outrossim, mediante as considerações de Steinhäuser e Steffler (2018), acerca das sentenças hipotáticas adverbiais, nota-se que é possível haver uma recategorização semântica das orações adverbiais à luz do processo de gradação ou encadeamento semântico, posto que é extremamente difícil conceituar e classificar as orações adverbiais no uso. Na prática, nota-se que mais de uma noção semântica pode emergir da construção sintática. É o caso, por exemplo, das finais, que ora podem ser finais clássicas/centrais, ora finais-causais.

Expostos nossos objetivos e métodos, em linhas gerais, o presente artigo divide-se em 3 seções, das quais as duas primeiras destinam-se a uma revisão teórica e a última direciona-se ao parecer crítico dos resultados: (i) Construção [para + VINF]: noções semânticas; (ii) A esfera jornalística: matéria e texto instrucional; (iii) Análise de dados.

## 1. CONSTRUÇÃO [PARA + VINF]: NOÇÕES SEMÂNTICAS

Maurer Jr (1959) identificou a utilização do infinitivo na língua portuguesa, seja na oralidade, seja na escrita. Diacronicamente, a forma sobrevive pela latinização da sintaxe; contudo, é válido ressaltar que o infinitivo apresenta duas formas, quais sejam: (i) o infinitivo não flexionado, no qual o sujeito é explícito; e (ii) o infinitivo flexionado, cuja indicação do sujeito é desinencial.

Perini (2010), por sua vez, ressalta que, tradicionalmente, o infinitivo é uma forma nominal do verbo, uma vez que possui valência para o preenchimento. Situação essa que o coloca no paradigma verbal, fazendo com que possa ocorrer como núcleo de um sintagma nominal (SN). Assumimos, portanto, que certas cláusulas introduzidas por [para + VINF] podem desempenhar a função de completivas nominais ou, até mesmo, de adjetivas.

Com relação a essas construções, Görski (2000) defende que tais estruturas tecem indicações de gramaticalização. A autora classifica-as de acordo com sua atuação sintática no enunciado: (i) adverbial de finalidade, (ii) complemento verbal, (iii) complemento nominal, (iv) sujeito, (v) adjunto adnominal ou (vi) predicativo.

Rodríguez (1992), em seus estudos sobre a língua espanhola, faz algumas reflexões valiosas que servem inclusive para o português. A autora afirma que a construção [para + VINF] tem grande maleabilidade na posição da frase. Contudo, apesar de haver toda essa maleabilidade e possibilidade combinatória, isso não impede que a estrutura seja compreendida tradicionalmente como unívoca em termos semânticos. Questão essa que impossibilita a reflexão acerca dos desvios paradigmáticos dos valores semânticos incorporados pela estrutura, de acordo com o contexto de seu uso.

Desconstruindo o modelo tradicional, que prevê a dicotomia entre coordenação e subordinação, Halliday (1985) postula que não há uma subordinação única, mas vários tipos de interdependência entre as sentenças e, ainda, relações de tipo lógico-semântico unindo-as. Isto posto, adota-se, neste estudo, os ideais funcionalistas modernos que creem no estudo na sintaxe por meio da semântica e da pragmática, em situações reais de comunicação e interação social.

Conforme König (1986, apud HIRATA, 1999, p. 89), há complexidade ao conceituar e classificar as construções sentenciais adverbiais no uso, “porque há sobreposição e/ou neutralização, tornando-se difícil assinalar de qual categoria se trata e, portanto, fazendo que um sistema de classificação e uma análise apropriados pareçam não ser possíveis”. Logo, entende-se que mais de um sentido pode se sobrepor/encadear gradualmente entre as orações, originando os sentidos centrais e os periféricos propostos por Steinhauer e Steffler (2018).

O para, em língua portuguesa, é utilizado principalmente como preposição introdutória de objeto indireto e como conector de sentenças hipotáticas adverbiais tidas como finais. Segundo Dias (2001), o uso corriqueiro de para como conector de sentenças de finalidade relaciona-se ao seu sentido de destinação e fim.

Embora determinados conectores apresentem sentidos normatizados pela gramática tradicional, é válido ressaltar que os conectores não apresentam sentidos únicos, isto é, não há univocidade entre forma e função. O contexto motiva o uso dos conectores e dos sentidos a eles relacionados, havendo, portanto, ambiguidades no uso (cf. SWEETSER, 1990), pluralidades que são sanadas somente pelo contexto.

Conforme citado em um trabalho anterior de Steinhauer e Steffler (2017), a sobreposição semântica envolvendo conectivos e sentenças adverbiais é algo evidente e representa, justamente, o uso da língua viva em contextos de produção reais e sociais. Desse modo, a sobreposição pode ser entendida como um processo de gradação ou encadeamento semântico contextualmente dependente, do qual mais de um sentido pode radiar.

No cerne da sobreposição semântica, Dias (2001) faz um paralelo entre as contribuições de Sweetser (1990) e seus dados de estudo a partir de dois exemplos, reproduzidos em (1).

(1) a. Em 12 de março de 1947, Truman dirigiu-se ao Congresso **para** *proclamar*[V.INF] aquela que viria a ser conhecida como a doutrina Truman [...]

(DIAS, 2001, p. 91)

b. A identificação de Stroessner com 'os três grandes' foi moeda corrente da propaganda oficial. **Para** *comprová-lo*[V.INF], basta consultar as edições de 'El País', 'Patria' e 'La Voz de! [...]

(DIAS, 2001, p. 91).

A construção em (1a) expressa, além da finalidade, uma relação de causa e de efeito (a oração em itálico mostra a razão de Truman ir ao congresso). Por sua vez, (1b), apresenta a noção de condicionalidade, incorporada à estrutura iniciada por *para*. Há, portanto, um jogo de mesclas e de sobreposições de sentidos, ao longo do processo comunicativo.

Thompson e Longacre (1994) afirmam que certas línguas apresentam as adverbiais finais com a mesma morfologia das sentenças causais, em virtude de ambas exprimirem um sentido de explicação sobre um estado ou uma determinada ação. Contudo, assim como Rodríguez (1992), defendem que, mesmo com essa grande semelhança, há divergência entre elas, já que a final contempla uma situação que se desenvolverá após o tempo expresso na cláusula núcleo e a causal representa um evento que ocorre concomitantemente ao da nuclear.

Em contrapartida, Bechara (1985) acredita na existência de um vínculo entre a oração consecutiva e a final, por simbolizar um efeito ou resultado intencional. Mateus e colaboradores (1983) creem na semelhança entre as finais e as construções condicionais (que comportam as causais, condicionais e conclusivas), mas salientam que nem sempre as finais manifestam relação de condição-consequência.

De um modo geral, Rodríguez (1992) declara que há três tipos de relação final, quais sejam: (i) relação causal, a qual admite comutação e parafraseamento causal; (ii) relação de utilidade; e, por fim (iii) relação de consequência. A autora avança na proposta ao considerar um novo grupo, o qual contempla diferentes relações semânticas, como condição, sequência cronológica, comparação, adversidade ou contraste, contudo, esse grupo possui uma caracterização menos precisa, pois depende do contexto e é “uma amostra do processo de desgaste semântico que o nexos sofre” (RODRÍGUEZ, 1992, p. 433).

O conceito de finalidade engloba dois grandes grupos de relações semânticas: a finalidade nocional (expressões causais e as consecutivas) e a finalidade instrumental (modalidade, finalidade como contraste expressivo). Assim,

[...] as frases finais, devem ser incluídas entre as orações circunstanciais modais, posto que a finalidade é um modo de realizar a ação, seja como relação causa-efeito (causais e consecutivas), ou como um uso instrumental ou como um contraste (RODRÍGUEZ, 1992, p. 436).

À guisa de conclusão dessa revisão teórica, buscar-se-á utilizar a exemplificação da ilustre autora Carmen Galán Rodríguez (1992, p. 432) para enfatizar a relação entre finalidade e causa: “He cerrado la ventana para descansar tranquilamente” (Fechei a janela para descansar tranquilamente). Percebe-se que há uma noção de causa-consequência entre a oração subordinada e a principal. Ao inverter as orações, esse sentido se clareia ainda mais: eu quero descansar e, por causa disso, eu fechei a janela. Logo, com esse exemplo, vê-se que há duas possibilidades de nuances semânticas em estruturas desse tipo, o que permite uma reavaliação interpretativa desses casos de modo que os sentidos possam ser reconsiderados.

## **2. A ESFERA JORNALÍSTICA: MATÉRIA E TEXTO INSTRUCIONAL**

Todas as esferas comunicativas voltam-se ao uso da língua. Bakhtin (1992) afirma que “[...] as palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios” (BAKHTIN, 1992, p. 40).

Segundo Marcuschi (2002), o nascimento dos gêneros está profundamente atrelado à invenção da escrita, posto que os povos de cultura oral apresentavam um número limitado de gêneros. Com o advento da escrita, por volta do século VII a.C., e, posteriormente, a propagação da imprensa (século XV) e a industrialização (século XVII), houve uma difusão dos gêneros, criando no ser humano uma maior necessidade em buscar novas representações comunicativas.

Bakhtin (1997) define os gêneros como tipos, relativamente, estáveis de enunciados. Eles se originam e se constituem funcionalmente nas culturas em que se desenvolvem, sendo caracterizados, principalmente, por suas funções comunicativas e cognitivas. Destarte, com o advento da expansão da cultura

eletrônica e sua aplicação mais evidente, a internet, novos gêneros e novas formas de comunicação surgem para atender a demanda social. Em função disso, a circulação e o conhecimento dos acontecimentos, fatos e opiniões adquiriram valor social, o que contribuiu com a consolidação da esfera jornalística, que é marcada pela transmissão e o acesso à informação.

Jornalismo: Atividade profissional que tem por objetivo a apuração, o processamento e a transmissão periódica de informações da atualidade, para o grande público ou para determinados segmentos desse público, através de veículos de difusão coletiva (jornal, revista, rádio, televisão, cinema, etc.). Imprensa periódica (RABAÇA; BARBOSA, 1998, p. 346-347).

Costa (2010) declara que os gêneros pertencentes à esfera jornalística são formados por uma determinada situação de interação e expectativa, em que o processo social volta-se para a transmissão de informação por meio de uma mídia/suporte. Por essa razão, considerando que as revistas IstoÉ e Guia do Estudante apresentam esse teor informativo (logo, jornalístico) e também digital, a investigação resultou na análise de 26 matérias e 26 textos instrucionais. A matéria, por si só, apresenta características jornalísticas bastante evidentes, porém, o texto instrucional geralmente não é ligado a essa esfera.

Segundo Ferreira e Guimarães (2016), “[...] os textos instrucionais têm por finalidade designar procedimentos para os leitores que precisam desempenhar tarefas de diferentes naturezas [...]” (FERREIRA; GUIMARÃES, 2016, p. 369) e, nesse sentido, vemos que os textos abordados na revista eletrônica Guia do Estudante apresentam esse mesmo sentido, posto que direcionam o leitor a realizar certos comportamentos sequenciais que irão ajudá-los de alguma forma.

O Guia do Estudante, como o próprio nome já diz, visa a descrever ações que, por meio de um processo linear e ordenado, instrua, oriente e/ou prescreva seus leitores estudantes a alcançar alguma meta/objetivo, especialmente de cunho educacional e profissional. Por essa razão, os textos selecionados contemplam um certo teor injuntivo (TRAVAGLIA, 1991). Assim, nota-se que, além das receitas, manuais de aparelhos, bulas de remédio, regras de jogo, regulamentos, os textos de orientação, nesse contexto, também podem ser considerados textos instrucionais e, por estarem em uma revista eletrônica que almeja informar para instruir, pertencem também a esfera jornalística.

As matérias são caracterizadas pela narrativa lógica que permeia seus textos, já o texto instrucional se distingue por utilizar as modalidades imperativas, verbos no infinitivo e no futuro do presente. Ambos os gêneros, por pertencerem a esfera jornalística, contemplam uma linguagem fácil e acessível, todavia, corretas. São textos objetivos e claros, já que seu público alvo é o povo, a massa em si, que está atrás de informação (matérias) e dicas para os estudos (textos instrucionais). Dessa forma, observa-se que há determinadas estratégias discursivas e enunciativas que modelam a linguagem utilizada em detrimento da intencionalidade prévia de tais segmentos comunicativos.

### 3. ANÁLISE DOS DADOS

A partir da análise dos conceitos supracitados, sobre os gêneros textuais em estudo e o fenômeno linguístico em questão, far-se-á uma reflexão acerca dos dados obtidos por Steinhauer e Steffler durante os dois anos de pesquisa com iniciação científica, no que diz respeito às construções [para + VINFL].

No decorrer da primeira pesquisa (PIC 2016-2017), 26 matérias da revista IstoÉ online foram analisadas, totalizando 296 sentenças hipotáticas adverbiais, dentre as quais: 174 sentenças clássicas/centrais e 122 sobrepostas/periféricas. Em contrapartida, com o PIC 2017-2018, estudaram-se 26 textos instrucionais da revista Guia do Estudante online, que perfizeram 460 sentenças hipotáticas adverbiais, compostas por: 248 circunstâncias clássicas/centrais e 212 sobrepostas/periféricas.

Tabela 1: Dados gerais comparados.

Circunstâncias	Matéria (PIC 2016-2017)	Texto Instrucional (PIC 2017-2018)
Circunstâncias clássicas/centrais	174	248
Circunstâncias sobrepostas/periféricas	122	212
Total de sentenças hipotáticas adverbiais	296	460

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Por esse estudo, em especial, se tratar apenas das sentenças finais tradicionais e finais causais sobrepostas, focar-se-á nestes resultados:

Tabela 2: Finais x Finais causais

Circunstâncias	Matéria (PIC 2016-2017)	Texto Instrucional (PIC 2017-2018)
Finais	27	53
Finais causais	95	151
Total	122	204

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Numericamente, as duas circunstâncias ('finais' e 'finais causais'), quando cruzadas as tabelas 1 e 2, compõem 41,21% das sentenças adverbiais da Matéria e 44,34% das sentenças averiguadas no Texto Instrucional. Em ambos os gêneros,

o número de sentenças finais causais é maior do que o número de finais tradicionais.

A presença significativa de sentenças finais justifica-se em ambos os casos pela intencionalidade comunicativa dos contextos de produção (cf. Steinhauer; Steffler, 2017). Na Matéria, o uso de finais está atrelado à necessidade dos autores em justificar o porquê de os leitores lerem aqueles textos. Seu uso preponderante se dá, dessa forma, justamente para convencer e/ou persuadir o leitor, como se essas construções servissem, de certo modo, como uma fórmula capaz de propiciar o diálogo do autor com seu leitor. Em outras palavras como se o autor tencesse comentários a fim de preparar o seu leitor para o que vai ser dito, e trabalhar, portanto, com as expectativas do leitor acerca do texto.

Todavia, nas sentenças finais causais, nota-se que há um liame bem maior do que as próprias estratégias enunciativas. Há, na verdade, uma composição de sentidos intrínseca a própria estrutura sintática, dado que a grande maioria das construções adverbiais iniciadas por [para + VINF] apresentaram dupla relação semântica. Isso se comprova ainda mais por meio dos postulados teóricos já mencionados, sobretudo de autores consagrados que, em algum momento, notaram a proximidade entre os significados de causa e finalidade.

Embora alguns linguistas diferenciem a causa da finalidade perante a relação de tempo inclusa no âmbito conexo da cláusula núcleo e da hipotática, vê-se que os sentidos ainda assim se sobrepõem. No bojo dessa concepção, nota-se ainda que há uma relação e, ao mesmo tempo, uma função linguística que liga essa construção ao percurso comunicativo adotado pela esfera jornalística.

Construções como [para + VINF] estão profundamente situadas no escopo informativo. Informar algo acarreta em explicar e/ou justificar algo. Quando se apresenta uma situação nova, uma notícia, por exemplo, geralmente a causa do fato é automaticamente retratada pelo falante: “Ele foi ao show de sua cantora preferida para tentar tirar uma foto com ela”. Perceba que, nesse exemplo, ao passo que temos a finalidade do homem ir ao show de sua cantora favorita, temos, também, a causa de sua ida. É complexa e, às vezes, confusa essa relação expressa entre causa e finalidade, porém, é um tanto quanto automática se formos pensar no ato efetivo de fala e escrita.

Nessa perspectiva, a finalidade de fazermos algo retrata, em conjunto, o porquê de estarmos fazendo aquilo. Palavras como “motivo”, “razão”, “propósito”, “causa”, “finalidade” caracterizam um mesmo campo semântico, nesse contexto. A partir de tais análises, o trabalho trará agora somente alguns exemplos dos casos averiguados nos corpora de análise.

(2) “Os satélites, originalmente concebidos para prever a meteorologia, não são estáveis **o suficiente para acompanhar a evolução das nuvens ao longo das décadas**”.

(3) “É a eterna falta de dinheiro **para fazer tudo**”.

(4) “Hoje tenho mais segurança **para fazer tarefas domésticas**”.



(5) “Seu professor de hidroginástica a convidou **para fazer aulas de musculação**”.

(6) “O aprimoramento dos transplantes de medula óssea foi outro passo decisivo **para elevar as taxas de cura**”.

Nos exemplos (2-6), as construções formadas por [para + VINF] contemplam apenas um teor final. Não expressam a causa que motiva a realização da cláusula núcleo, mas somente enfatizam a meta, o objetivo pelo qual as sentenças se conectam.

(7) “As nuvens regulam a temperatura da Terra, enviando para o espaço uma parte da radiação solar antes que elas alcancem o chão. Á noite, elas agem como um cobertor **para minimizar a perda de calor**”.

Em (7), a construção [para + VINF] carrega duplo teor semântico, em razão de esboçar um nexos final associado à um nexos causal. O pronome “elas” corresponde a nuvens, logo, as nuvens agem como um cobertor visando minimizar a perda de calor. O ato de minimizar a perda de calor é, por sua vez, a finalidade e, ao mesmo tempo, a causa/a razão/o porquê de agirem daquela forma.

(8) “Em 2018, a NASA enviará o robô americano InSight **para escutar as entranhas de Marte**”.

O fato de a NASA enviar um robô americano para Marte requer uma causa/justificativa e, também, uma finalidade/propósito, fatores estes que são retratados pela sentença hipotática adverbial de sobreposição semântica final/causal, “para escutar as entranhas de Marte”.

(9) “Leonardo DiCaprio pede mudanças de hábito **para conter mudanças climáticas**”.

Quando alguém muda de hábito, geralmente, existe algo que o impulse a fazer isso. Há, portanto, um porquê para essa alteração em seu costume. No caso acima, vê-se que a contenção das mudanças climáticas é a causa do pedido do ator e, por extensão, é a finalidade para a mudança de hábito solicitada.

(10) “Na sala de espera, os pais de Amena, Jalil e Amira, esperam ansiosos pelo resultado da operação da menor de seus seis filhos. Eles estão refugiados no

---

Líbano desde 2013 e Jalil, de 39 anos, sustenta sua família trabalhando na agricultura. A família teve de se endividar **para pagar a cirurgia**".

Para se contrair uma dívida, o indivíduo precisa, a priori, utilizar o seu dinheiro, seja comprando algo ou contratando algum tipo de serviço. No exemplo, a causa da dívida da família foi a necessidade de se pagar uma cirurgia. Logo, temos a finalidade, i.e., o propósito da família se endividar bem como a causa para isso.

(11) "Mais do que nós, a juventude está mobilizada **para evitar esse tipo de retrocesso**".

No momento em que se fala de mobilização, tem-se, quase que simultaneamente, uma causa para isso. Pessoas se mobilizam por uma razão em comum. Existe algo que motiva a iniciativa de se mexer frente aos problemas. Assim, nessa frase, nota-se que a juventude está mobilizada porque ela deseja evitar o retrocesso. O propósito da mobilização é impedir a involução. Existe, portanto, causa e finalidade coexistindo na mesma estrutura.

(12) "Assim, sobra mais tempo **para prestar atenção em coisas** que não captou durante a leitura prévia".

(13) "O ato de escrever é um ótimo exercício cognitivo que põe o cérebro e a memória **para trabalhar**".

(14) "Cerca de 1/3 dos americanos dizem que dormem menos do que precisam **para funcionar bem**".

(15) "Muitas vezes os estudantes não têm tempo **para agendar revisões em seus cronogramas**".

(16) "Você tem movimentos totalmente distintos **para escrever cada letra a mão**".

Nas construções (12-16), a finalidade se codifica enquanto meta, objetivo, não havendo causa para o evento manifestado na sentença nuclear. Assim, nesses casos, a construção "para + verbo no infinitivo", na qualidade de sentença hipotática adverbial, contempla somente uma única circunstância tradicional: a final.

(17) **“Para ajudar você nisso, o Guia do Estudante conversou com especialistas e pediu dicas para ajudar seu cérebro a se concentrar”.**

Observe que, ao escrever esse período, o autor buscou logo no início justificar, ou seja, trazer a causa, o motivo e, por consequência, a finalidade, de o Guia do Estudante ter conversado com especialistas sobre o funcionamento do cérebro. Ademais, com o intuito de enfatizar essa justificativa e o propósito da pesquisa, até mesmo salientada pela repetição do verbo infinitivo “ajudar”, ele faz uso novamente de uma construção adverbial infinitiva preposicionada no final do período.

(18) **“Por consequência, acabamos tendo que selecionar algumas partes, que julgamos mais importantes, para transferir para o caderno”.**

Tudo o que fazemos tem um porquê, e isso não é diferente na escola. Ao selecionarmos as partes importantes de um livro, por exemplo, temos alguns objetivos em mente, que são direcionados pela motivações pré-definidas. No caso do exemplo acima, o aluno selecionou as partes porque ele queria transferir aquilo para o caderno, id est, isso representa o motivo, a causa, a finalidade e o propósito de sua ação.

(19) **“É aí que está o pulo do gato: enquanto ouvimos, estamos o tempo todo realizando o trabalho mental de compreender e absorver as palavras para sacar o que, daquilo tudo, é mesmo fundamental”.**

A audição implica geralmente numa interpretação acerca do que ouvimos. Assim, “para sacar o que é mesmo fundamental” é a causa do ser humano estar a todo tempo realizando um trabalho mental de compreender e absorver as palavras, bem como é a finalidade de estarmos desenvolvendo essas habilidades. Ouve-se e reflete-se para entender e, conseqüentemente, filtrar o que é necessário.

(20) **“Consiste em ficar voltando no texto para rever o que já foi lido”.**

A causa de ficar voltando no texto, isto é, o motivo para se realizar tal ação é, justamente, rever o que já foi lido. Por outro lado, o ato de ficar voltando no texto exige uma finalidade, um propósito, que é também rever o que já foi lido.

(21) **“O ideal, então, é você ler e reler o texto algumas vezes para se certificar de ter entendido tudo direito”.**

Nesse exemplo, a construção “para + verbo no infinitivo” atina-se para o fato de que existe uma causa, uma explicação, um “porquê” para a dica que o autor está transmitindo a seu leitor. Destarte, fica notória a influência da esfera jornalística, que tem por objetivo repassar uma informação, e do gênero textual analisado, cujo enfoque se dá para a propagação de instruções/dicas acerca de uma área em especial, que, aqui, refere-se ao meio educacional. Há, portanto, uma sobreposição de finalidade e causa nessa estrutura, por ela retratar o motivo bem como o propósito daquele conselho.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

A estreita relação entre as noções de finalidade e causa torna-se evidente em sentenças hipotáticas construídas pelo infinitivo preposicionado por “para”. Como já visto, alguns estudiosos linguistas se debruçaram sobre essas construções, postulando teorias que dizem respeito às possibilidades existentes no nexos sintático bem como semântico.

A partir da análise dos corpora selecionados (26 Matérias e 26 Textos Instrucionais), pode-se deduzir que a esfera comunicativa dos gêneros influi na modelação das estruturas linguísticas adotadas pelos falantes que, no caso, são autores de textos escritos. Nesse sentido, as estratégias empregadas pelos escritores para informar, no caso das matérias, e para instruir, no caso dos textos instrucionais, estão profundamente atreladas ao uso recorrente de proposições formadas pelo [para + VINF].

Essas construções são convencionalmente ligadas à subordinação e à noção de finalidade/meta, pelas gramáticas tradicionais. Contudo, atuais estudos funcionalistas têm quebrado esse modelo prescritivo e trazido novas funções ao escopo sintático do arranjo “gramaticalizado” e “latinizado” dessas construções.

Vê-se, portanto, que além daquelas 10 circunstâncias tradicionais que conhecemos, há, no uso efetivo da língua, possibilidades combinatórias de relações semânticas, que provêm da intencionalidade comunicativa do falante e dos recursos aplicados pelo contexto de produção dos gêneros textuais. Por essa razão, a sobreposição de sentidos finais e causais é algo instigante de ser estudado, já que trata da língua viva, real, cotidiana e corrente.

Em suma, a partir dos dados levantados e considerando que a língua é um sistema complexo, corrente, em ininterrupta volubilidade, considera-se uma possível recategorização semântica das construções de sentenças finais, em termos de subcategorias, sob à ótica do processo de gradação ou encadeamento semântico (cf. Steinhäuser e Steffler, 2018). Nesse ínterim, conclui-se que os resultados até aqui estudados indicam a existência de finais tradicionais e finais-causais em textos da esfera jornalística.

---

## Adverbial hypotaxis [para + vinf]: limits between purpose and cause

### ABSTRACT

This paper describes the encoding patterns of reduced infinitive adverbial constructions introduced by the preposition to [TO + VINF]. For this, it is used datas from the works of Steinhauser e Steffler (2017; 2018), in which they were identified, in a set of 52 journalistic texts, 80 final sentences' constructions and 246 overlapping sentences' constructions, id est, with purpose and cause overlapping traces. Going against the view of traditional grammar, which assumes that constructions [TO + VINF] are prototypical only of purpose, a close relationship was observed between the purpose and the cause. This relation derives from its own embedded semantic aspects: motive, reason, why, purpose or intention for what was expressed in the main clause. In agreement with Bakhtin (1992; 1997), Castilho (2016), Dias (2001), Rodríguez (1999), Perini (2010), among others, it intends to reflect the use of these occurrences and their communicative purposes. Finally, from the data collected and considering that the language is a complex, current system, in uninterrupted volubility, it is considered a possible semantic re-categorization of final sentences constructions, in terms of subcategories, under the gradation process or semantic chaining perspectives (cf. Steinhauser e Steffler, 2018).

**KEYWORDS:** Hypotaxis. Semantic overlap. TO + VINF. Purpose and Cause.

---

**REFERÊNCIAS**

ANTONIO, J. D. **Estrutura retórica e articulação de orações em narrativas orais e em narrativas escritas do português**. Araraquara, 2004. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Faculdade de Ciências e Letras/ Unesp/ Araraquara.

BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAKHTIN, M. [VOLOCHINOV, M.]. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1992.

BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. São Paulo: Companhia Ed. Nacional, 1985.

CASTILHO, A.T. de. **Nova gramática do português brasileiro**. 1. ed. 4. reimp. São Paulo: Contexto, 2016.

COSTA, L. A. da. Gêneros jornalísticos. In: MARQUES DE MELO, J.; ASSIS, F. de (Orgs.). **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Paulo: Metodista, 2010.

DIAS, N. B. **As cláusulas de finalidade**. 166 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto em Estudos da Linguagem, Unicamp, Campinas, 2001.

FERREIRA, H. R. M.; GUIMARÃES, S. A. H. A Intencionalidade Marcada nos Textos Instrucionais: o que há de novo nisso? **SIGNUM: Estud. Ling.**, Londrina, n. 19/1, p. 369-395, jun. 2016.

GALÁN RODRÍGUEZ, C. La subordinación final e causal. In BOSQUE, I.; DEMONTE, V. (Org.), **Gramática Descriptiva de la Lengua Española**. V. 2. Madrid: Editorial Espasa Calpe, 1999. p. 3597-3642.

GORSKI, E. Níveis de integração de cláusulas para+ INF. **Estudos Linguísticos XXIX**, GEL, SP, 2000.

HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to functional grammar**. Baltimore: E. Arnold, 1985.

LOPES, A. C. M. Contributos para a caracterização das finais de enunciação no Português Europeu Contemporâneo. **Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto**, Porto, v. 6, n. 1, p.125-148.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros Textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Org.). **Gêneros Textuais e Ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 19-36.

MATEUS, M. H. M. et al. **Gramática da língua portuguesa**. Coimbra: Livraria Ahnedina, 1983.

MAURER JR., H. T. **Gramática do Latim Vulgar**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1959.

PASCHOALIN & SPADOTO. **Gramática** – Teoria e exercícios. Editora FTD, 2008.

PERINI, M. A. **Gramática do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

RABAÇA, C. A., BARBOSA, G. **Dicionário de comunicação**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1998.

REVISTA GUIA DO ESTUDANTE. Disponível em: <<https://guiadoestudante.abril.com.br/>> Acesso: 2017/2018.

REVISTA ISTOÉ. Disponível em: <<http://istoe.com.br/>> Acesso: 2016/2017.

STEINHAUSER, V. L. F.; STEFFLER, J. C. B. Os usos e as relações de sentido estabelecidas pelas sentenças adverbiais: Um estudo funcionalista a par do gênero discursivo jornalístico matéria. **Anais do V Congresso Nacional de Linguagens em Interação**. Maringá: EDUEM, 2017. p. 154-167.

STEINHAUSER, V. L. F.; STEFFLER, J. C. B.; RAMOS, E. Sentenças condicionais x conditional sentences: Um estudo funcionalista contrastivo entre ocorrências do português e do inglês. **Caderno de resumos do 5º Colóquio Internacional de Estudos Linguísticos e Literários** - Políticas públicas, ética, internacionalização e pesquisa: discursos, práticas e desafios. Sessões de comunicação. Estudos Linguísticos. Maringá: EDUEM, 2018. p. 68.

STEINHAUSER, V. L. F.; STEFFLER, J. C. B. Uma possível recategorização semântica das orações adverbiais sob à ótica do processo de gradação ou encadeamento semântico. **Anais do V Fórum das Licenciaturas: Função/papel social da escola em um contexto de reformas.** Paranaíba: UNESPAR, 2018. p. 150.

SWEETSER, E. **From etymology to pragmatics: metaphorical and cultural aspects of semantic structure.** Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

THOMPSON, S. A.; LONGACRE, R. E. Adverbial Clauses. In: SHOPEN, X. (Org.). **Language Typology and syntactic description.** Complex constructions. New York: Cambridge, 1994.

TRAVAGLIA, L. C. **Um estudo textual-discursivo do verbo no português do Brasil.** Tese de Doutorado (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem. Universidade Estadual de Campinas. 1991.

**Recebido:** 31 out. 2018

**Aprovado:** 06 mar. 2019

**DOI:** 10.3895/rl.v21n32.9009

**Como citar:** STEINHAUSER, Vanessa Leme Fadel; STEFFLER, Juliana Carla Barbieri. Sentenças hipotáticas adverbiais [PARA+VINFINF]: limites entre finalidade e causa. *R. Letras*, Curitiba, v. 21, n. 32, p. 160-175, mar. 2019. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/rl>>. Acesso em: XXX.

**Direito autoral:** Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

